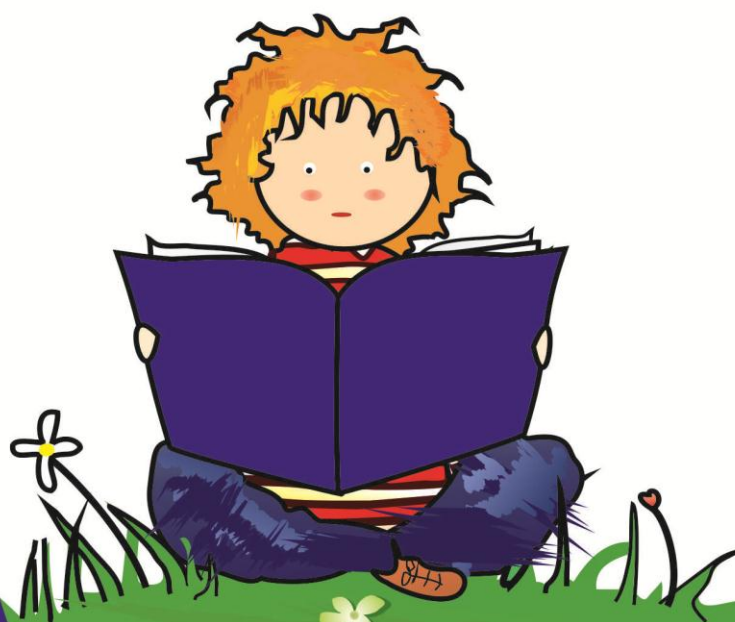




Instituto Politécnico de Castelo Branco
Escola Superior de Educação



Textos, Imagens e Contos sobre Mobilidade

Investigação e Práticas em Educação Intercultural

Atas do Simpósio,
Castelo Branco

16 e 17 de novembro de 2012

Coordenação de
M. Morgado
M. N. Pires



This project has been carried out with the support of the European Community and the Life Long Learning Programme. The content of this project does not necessarily reflect the position of the European Community, nor does it involve any responsibility on the part of the European Community.

EUMOF:Tipologias de Contos Interculturais

M. Morgado

Resumo — O presente artigo aborda perspectivas pedagógicas de classificação dos contos tradicionais compilados pelo projeto EUMOF (European Mobility Folktales) em função da sua relação com a multiculturalidade, com a educação intercultural e com o tema da mobilidade. As propostas de classificação e arrumação dos contos tradicionais dialogam crítica e reflexivamente com propostas de outros autores como Mingshui Cai em *Multicultural Literature for Children and Young Adults: Reflections on critical issues* (2002) e de Mingshui Cai e Sims Bishop em “Multicultural literature for children. Towards a clarification of the concept”(1997). Simultaneamente, o diálogo abre-se também com dois textos académicos, o de Paul Scheffer, *Immigrant Nations* (2011) e o de Zygmunt Bauman, *Culture in a Liquid Modern World* (2011). Os contos tradicionais EUMOF são multi- e interculturais no sentido em que, no seu conjunto, pressupõem um espaço europeu multicultural, representam formas de interação entre culturas e porque, no seu conjunto, descrevem realidades de ‘outras’ culturas, ou seja, por exemplo, tornam culturas, como a cipriota e a grega, acessíveis aos leitores, professores e alunos lusófonos, anglófonos, polacos, alemães. É em função do conceito de distribuição geográfica, central na constituição da coletânea de contos EUMOF, que aproveitando as categorias propostas por Cai e Bishop (1997) poderíamos organizar os contos reunidos na coletânea em textos do mundo (*world texts*), textos transculturais (*crosscultural texts*) e textos paralelos (*parallel texts*) de modo a clarificar como eles servem o propósito de promoção da educação intercultural. Das múltiplas perspectivas com que olhamos para a coletânea, sendo a partir das categorias definidas por Cai e Bishops, sendo a partir de um contínuo que vai da ênfase no multicultural à ênfase no intercultural, ou sendo a partir de como os contos abordam um tema caro à multiculturalidade, como é o da mobilidade, o que se pretende demonstrar são as possibilidades que os contos tradicionais EUMOF oferecem (aos leitores e educadores) de abrir novas perspetivas e pontos de vista culturais sobre a realidade ou o fato de poderem alertar para questões de distribuição desigual de poder, discriminações sexistas e raciais por comparação de realidades distintas representadas, ou tensões e conflitos que se geram quando indivíduos duas ou mais culturas entram em contato.

Palavras-chave — Conto tradicional; EUMOF; Interculturalidade; Multiculturalidade.



This project has been carried out with the support of the European Community and the Life Long Learning Programme. The content of this project does not necessarily reflect the position of the European Community, nor does it involve any responsibility on the part of the European Community.

M. Morgado é professora coordenadora de estudos culturais ingleses no Instituto Politécnico de Castelo Branco. Obteve os diplomas de Mestrado e de Doutoramento na Universidade de Lisboa. É autora de artigos na área da educação intercultural e da literatura infantil e sobre a criança. Coordenou um projecto financiado pela FCT de 2008 a 2010 sobre educação intercultural nas obras recomendadas para o 4º ano pelo Plano Nacional de Leitura e publicou, em 2010, o livro *Educação Intercultural e Literatura Infantil. Vivemos num Mundo sem Esconderijos* (Colibri). Tem ampla experiência de participação e coordenação de projetos internacionais europeus (BARFIE – Books and Reading for Intercultural Education; ESET –European School Education Training; EDM Reporter – European Digital Media Reporter; READCOM – Reading Clubs for Adult Learning Communities; Visual Literacy and Intercultural European Education; The construction of national identity in ABC books and picturebooks from the 19th century to the present; e EUMOF – European Mobility Folktales.

1 INTRODUÇÃO

Uma colectânea multicultural de contos tradicionais pode ter muitos usos pedagógicos, alguns dos quais com pouca repercussão para a promoção da educação intercultural. Interessa-nos abordar modos potenciais de o projeto EUMOF (*European Mobility Folktales*) – Contos tradicionais sobre mobilidade - operacionalizar o conceito de conto multi- e intercultural, para além daqueles que já constam dos seus materiais publicados (*O Guia do Professor EUMOF; Atividades Pedagógicas*). O que são contos interculturais e multiculturais? O que é que os define como tal? Haverá diferenças entre os modos de cada conto tradicional abordar a experiência de vida de contacto entre culturas? Este constitui um primeiro grupo de questões ao qual procuraremos responder, após uma breve caracterização da colectânea.

No início do projeto EUMOF lançou-se uma pequena semente de interculturalidade: todos os contos tradicionais selecionados para a coletânea teriam por tema uma viagem para terras distantes, onde se dão encontros entre pessoas e culturas diferentes. De forma implícita, a escolha do tema reflete o reconhecimento de que o mundo em que vivemos hoje tem fronteiras abertas que criam uma grande diversidade cultural e introduzem muitas mudanças no viver comunitário, de identidades, de reconhecimento da diferença dos vizinhos. Salman Rushdie, em *The Ground Beneath Her Feet* (1999: 55), condensa muito bem uma estrutura de sensibilidade do nosso tempo, rasgada entre o que imaginamos ser a nossa terra e terras longínquas, o sonho de termos raízes num lugar e o desejo da viagem. Escreve ele, “*Among the great struggles of man – good/evil, reason/unreason, etc. – there is also this mighty conflict between the fantasy of Home and the fantasy of the Away, the dream of roots and the mirage of the journey*”. Os projetos de mobilidade física, intelectual e social que os contos tradicionais seleccionados para a colectânea EUMOF configuram são, neste sentido, importantes para o entendimento da interculturalidade num mundo global em que ocorrem migrações em massa e onde se tornam praticamente inevitáveis experiências de alienação e de perda de coordenadas (Handlin, 1952). A mobilidade e os modos da sua configuração nos contos tradicionais da coletânea EUMOF serão consequentemente um outro aspeto a abordar neste artigo, no qual se explora a maleabilidade dos materiais do projecto EUMOF para promover alguns dos temas mais prementes da nossa contemporaneidade, como a imigração e a deslocação de pessoas, a transformação de sociedades monoculturais em sociedades multiculturais, a existência de visões diferentes sobre a mobilidade, ora desejada e glorificada ora forçada, ou as repercussões positivas e negativas da presença num mesmo espaço/tempo de diversidade cultural que vão desde a celebração da diferença ao sentido de perigo e ameaça, passando por atitudes de tolerância e de indiferença.

2 OS CONTOS TRADICIONAIS EUMOF

Um dos principais materiais do projecto EUMOF é uma coletânea de contos tradicionais sobre mobilidade dos países europeus envolvidos no projeto¹, nomeadamente Áustria, Chipre, Grécia, Polónia e Portugal. Estes contos foram seleccionados a partir de um conjunto de critérios: serem contos tradicionais ou lendas; serem sobre o tema da mobilidade, de viagens para outras terras, onde se encontram pessoas diferentes das que conhecemos ou se representam locais, povos, culturas e tradições; serem curtos – a sua narração oral não deve ultrapassar os 10 minutos; e serem de algum modo representativos das culturas dos países.

O projeto compilou três contos tradicionais por parceiro de cada país, 6 da Áustria, 6 de Chipre, 6 da Grécia, 3 da Polónia e 3 de Portugal, num total de 24 contos, traduzidos para todas as línguas dos parceiros do projeto e para inglês (*EUMOF Book of Folktales*).

Na configuração da escolha dos contos a partir da ideia da mobilidade e da viagem, do encontro e confronto com outras ideias, culturas, tradições e costumes reconhecemos uma ênfase na representação intercultural, de negociação entre culturas. Pela reunião em colectânea de contos de diversas tradições culturais e linguísticas encontramos a preocupação multicultural.

Vou dar alguns exemplos de contos que se podem encontrar na coletânea de contos tradicionais EUMOF e como eles podem ser lidos em relação com os temas da multiculturalidade e interculturalidade:

¹ O projecto decorre entre janeiro de 2011 e dezembro de 2012. Todos os materiais podem ser consultados em www.eumof.unic.ac.cy. Apesar de o projeto envolver apenas 5 países europeus, envolve duas instituições cipriotas (*Universidade de Nicosia e Cyprus Board on Books for Young People*), 2 gregas (*Escolas Platon e Universidade de Tessalónica*) e 2 austríacas (*EU-LE-NET Europäisches-Lese-Netzwerk e LESEZENTRUM Steiermark*), para além de 1 instituição polaca (*Biblioteca Pública Grabski do Distrito Ursus da cidade de Varsóvia*) e 1 instituição portuguesa (*Instituto Politécnico de Castelo Branco*).

A colectânea ajuda-nos a perceber valores e atitudes de outras culturas, por exemplo a sua profunda religiosidade. Atente-se no conto tradicional grego “O Camponês Pobre e São Pedro”. O conto relata o caminho solitário de um camponês que, de tão pobre, sai de casa em busca de melhor vida e que depara com um homem simples – era S. Pedro. Caminham lado a lado, e São Pedro dá ao homem exemplos de bondade, partilha, tolerância, honestidade e do dom da criação (a ressurreição de uma princesa), que o homem, na sua ignorância, desonestidade e arrogância, assume ser capaz de imitar, com resultados negativos.

São de outra natureza as virtudes elencadas no conto tradicional austríaco “O Leão, A Cegonha e a Formiga” que narra a história de um pobre rapaz, Hans, que sai de casa da mãe para ir correr mundo e que ajuda um leão, uma cegonha e uma formiga a resolver os seus problemas, sendo recompensado com as suas ‘virtudes’: a força do leão, a capacidade de voar (ou a mobilidade) da cegonha e a quase invisibilidade da formiga (ou a discrição). Com estes dons o rapaz vence uma série de obstáculos e salva a princesa, com quem vive feliz para sempre.

Curiosamente, num conto tradicional português, nem os animais nem os seus dons se referem às mesmas virtudes. Em “A Torre da Babilónia”, o protagonista recebe, em vez de dons, objetos, coisas materiais: primeiro negocea com uns rapazes que andavam à luta a compra dos objetos pelos quais eles lutavam: um par de botas, um cobertor e uma chave. Com as botas, que eram mágicas, vai visitar a irmã mais velha, casada com o rei dos peixes, que lhe deu proteção em caso de aflição; em seguida, visitou a irmã do meio, casada com o rei dos leões-do-mar, que lhe deu um robalo e a sua proteção; e depois, vai a casa da irmã mais nova, casada com o rei dos pássaros, que lhe deu uma pena das suas asas e a sua proteção. Com todos os objectos e com a garantia de proteção de tão poderosos senhores o rapaz consegue libertar uma donzela da Torre da Babilónia.

Alguns contos são potencialmente mais interculturais do que outros, no sentido em que representam nos seus temas e tópicos negociações entre culturas diferentes. É o caso, por exemplo, de “A Lareira”, um conto tradicional austríaco que revela de forma implícita e explícita as dificuldades de relação entre culturas fronteiriças, neste caso a austríaca e a italiana. Este conto narra a história de um homem distinto de Itália que pára para descansar à porta de casa de um camponês da Estíria, uma região da Áustria. Convidado a entrar, admira a grande lareira de pedra, muito antiga e quer convencer o camponês a vender-lha. O que o italiano sabe – e o camponês austríaco não sabe –, é que dentro da lareira havia um pote de ouro e o que motiva o italiano é a ganância e a vontade de enganar o camponês. O camponês austríaco é convidado a visitar o bom homem italiano e acaba por descobrir a verdade e ludibriar o italiano, vendendo a lareira ao italiano depois de a mulher ter de lá tirado o pote de ouro.

Um outro exemplo interessante de interculturalidade, no sentido de relações entre grupos étnicos diferentes, encontramos-lo no conto grego “Arapis, o Negro” sobre um criado negro de um vizir que é mandado matar porque existe uma profecia de que a princesa se casará com um homem negro. Como os carrascos não têm coragem para o matar, o rapaz viaja até um território distante, onde é bem tratado, educado e enriquece. Consegue por artes mágicas empalidecer a pele e regressa a casa, rico e branco, ganhando a mão da princesa. Note-se que não estou a defender que este é um conto politicamente correto. Não o é. O conto representa a rejeição e a vontade de destruição de um inocente meramente por causa da cor da pele dele.

As tensões provocadas pelo racismo e pela reação negativa estereotipada à diferença étnica do outro também são representadas no conto tradicional português “A Moura Encantada”. Um homem português e cristão andava de viagem até que chegou a uma terra, onde pediu abrigo, mas ninguém o quis acolher. Naquele lugar havia uma casa rica vazia, pois a família que ali vivia se tinha assustado e fugido. Foi ali que o homem se abrigou, sentando-se a descansar na varanda até que a noite caiu. Enquanto dormia, tiraram-lhe um anel de ouro do dedo e substituíram-no por outro. Quando acordou, o homem reparou que o anel tinha sido trocado. Decidiu entrar na casa e deitar-se na cama. A meio da noite sentiu algo a mover-se na cama e viu que era uma mulher, uma moura, que lhe disse que só ele a poderia desenfitejar. O homem ficou três dias e três noites naquela casa e tudo aconteceu como a moura previra, recebendo ele no final três sacos de moedas. A moura desaparece. Com aquele dinheiro, ele compra terras que deu aos pobres e continuou viagem até chegar a terra de mouros, onde comprou uma quinta. Naquele lugar estava para se dar o casamento da filha de um senhor mouro, que o convidou para o casamento. Quando o homem olhou para o dedo da noiva reconheceu o anel que tinha sido substituído por outro na casa encantada e logo que ela olhou para ele, reconheceu-o imediatamente. Ela acaba por se casar com o homem que a tinha salvado e o outro homem partiu.

3 PERSPETIVAS DE UTILIZAÇÃO INTERCULTURAL DOS CONTOS

O projecto EUMOF sublinha como seus objectivos educativos a promoção, no espaço educativo, de uma nova consciência sobre a importância da diversidade cultural e linguística da Europa, ao mesmo tempo que anuncia a necessidade de combater o racismo, preconceitos e atitudes xenófobas. Defende igualmente que os contos reunidos permitirão reforçar o sentido de cidadania democrática entre os professores e alunos europeus, tendo por base uma atitude e um valor de respeito pelos povos, línguas e culturas europeias.

Podemo-nos interrogar como é que se passa de uma coletânea de contos tradicionais à promoção de um conjunto de atitudes que caracterizam a tolerância intercultural necessária à vida em sociedades multiculturais, que é necessário que sejam compreendidas como sociedades dominadas pelo fenómeno da globalização, pela explosão demográfica, por fluxos migratórios massivos, pela destruição do ambiente e pelo aumento do fosso entre ricos e pobres.

A verdadeira tolerância, como a descreve Paul Scheffer (2011: 118-124) tem a ver com ser capaz de lidar de forma pacífica com profundas diferenças de opinião, expressando juízos de valor e opiniões com convicção e respeito por todos. É diferente de ser tolerante entre os que são iguais a nós e diferente de uma atitude distante, ou indiferente, que evita o envolvimento com as coisas e as pessoas que se desconhecem e que se pensam 'outras'. A tolerância só é possível em sociedades abertas, que permitem a colisão de ideias e de pontos de vista e que exigem de todos uma observância das leis do território.

Por outro lado, um conceito de 'mobilidade' pode convidar à imaginação de espaços de aventura e de férias, em detrimento de outras experiências menos positivas de mobilidade forçada de refugiados de guerra e políticos e de imigrantes sem condições de vida nos países que deixam para trás, das experiências de alienação de imigrantes ou de rejeição destes pelas populações instaladas. O grande valor da coletânea EUMOF para a promoção da educação intercultural ou da educação para uma cidadania democrática global é levar os seus utilizadores a perceber que a mobilidade de pessoas no mundo implica tensões e choques políticos, sociais, culturais e linguísticos.

Para operacionalizar os conceitos de tolerância da diversidade e de mobilidade nos contos seleccionados, é útil reagrupá-los na sua diversidade. Assim, proponho três classificações alternativas à da coletânea EUMOF (que é uma arrumação por países/culturas): uma classificação que coloca os contos num contínuo de textos que vai da ideia de multiculturalidade à de interculturalidade; uma classificação que categoriza os textos em função do modo como eles representam a relação entre culturas diferentes; e uma terceira classificação que os agrupa em termos do conceito de mobilidade que representam.

3.1 Cultura, Diferença e Língua

Todas estas categorias são, como afirmei atrás, complementares à classificação que os arruma no projeto EUMOF. O modo como os contos EUMOF se apresentam na coletânea é um convite ao seu espartilhamento dentro das culturas que os produziram. No sítio web do projecto (<http://eumof.unic.ac.cy>), porém, qualquer agente educativo, poderá reagrupar os contos da maneira que entender, não sendo obrigado a seguir a linearidade apresentada em forma de livro. E aquilo que aqui proponho são ainda outras lógicas de utilização, que tornem mais fácil o acesso aos materiais em função de objetivos específicos.

Contudo, os materiais pedagógicos que acompanham o projecto, como por exemplo, o *Guia do Professor EUMOF*, o conjunto de *Atividades Pedagógicas e Educativas*, e os módulos de *Formação de Formadores EUMOF* visam utilizações interculturais dos materiais. Não é desejável que os alunos portugueses apenas se cinjam aos contos portugueses ou aos contos austríacos, mas que sejam capazes de refletir sobre a diversidade cultural a partir de um conjunto diversificado de contos tradicionais, entendidos simultaneamente como um património comum e um legado de uma cultura e espaço/tempo específicos e utilizados em paralelo.

Dou um exemplo: na atividade pedagógica intitulada "Acolher o Estrangeiro", os alunos são convidados a refletir sobre o acolhimento de estranhos e imigrantes a partir de um conjunto de materiais diversos (imagens de *Tales from Outer Suburbia/Contos dos Subúrbios* de Shaun Tan) e de três dos contos da coletânea: "A Moura Encantada" (conto português), "Fantasmas Romanos" (conto austríaco) e "Wars e Sawa" (lenda da criação de Varsóvia). Parte-se da experiência social dos alunos e das suas percepções do que seria ter um estrangeiro em casa; do que ele poderia ou não gostar ou perceber; do que lhe seria desconhecido, etc.

As atividades pedagógicas estão organizadas em três grandes áreas: *Cultura, Diferença e*

Língua, cada uma com um conjunto de objetivos educativos que são abordados em cada atividade pedagógica.

Muitas das atividades pedagógicas não só interligam os contos tradicionais da coletânea, como os ligam a práticas contemporâneas, como é o exemplo da atividade intitulada “Mercados do Mundo”. A atividade inicia-se com o conto “O Príncipe de Veneza” e com um dos episódios iniciais desse conto: o Rei de Chipre parte em viagem a Veneza e para comprar prendas para as três filhas vai ao mercado de Veneza. Os alunos são convidados a imaginar as lojas, o que se vende, o que vestem os comerciantes, como anunciam os seus produtos e, em seguida, depois de apresentarem as suas ideias uns aos outros, a compará-las com os mercados contemporâneos, com os mercados que conhecem, que visitaram, ao ar livre, e – por fim – a documentarem cenas de mercados de todas as partes do mundo.

Ao percorrermos os olhos pelo conjunto de atividades pedagógicas construídas para o projeto e sintetizadas, por exemplo no *Guia do Professor EUMOF*, é fácil perceber que o tema da multi- e interculturalidade pode ser explorado de diversas maneiras: “Novo Destino”, “Quem Sou eu?” “A Viagem do Herói”, “Bilhete de Identidade”, “Alfabeto”, “Racismo”, “Acolher os Estrangeiros”, “O Jogo da Mobilidade nos Contos”, “Convidar Estranhos para sua Casa”, “Como Resolverias Tu o Problema?”, “Koutsoukoutou e Carochinha”, “Sentimentos Interculturais”, “Viajar à Roda do Mundo”, “Todos os Bons estão Incluídos”, “O Caminho da Esperança”, “Conheces estes Animais? Onde Vivem?”, “Pôr-se no Lugar do Outro”, “Como os Europeus viajavam no Passado e quais as Razões da Viagem”, “Clube Europa”, “Explorar Moeda Estrangeira”, “Explorar Números em Diferentes Línguas”, “Explorar Formas de Saudação”, “Nomes de Lugares”, etc.

Contudo, nem sempre se encontra presente no conjunto das atividades pedagógicas disponíveis um enquadramento clarificador da potencialidade multicultural e intercultural, que aqui procurarei clarificar a partir de modos alternativos de classificação dos contos tradicionais compilados. Espero que eles constituam mais uma ferramenta facilitadora da sua utilização em sala de aula e de compreensão das potencialidades do material para demonstrar como estes contos podem servir para acompanhar questões atuais do debate intercultural.

3.2 Um contínuo da multiculturalidade à interculturalidade

Joppke e Morawska (2003) defendem que atualmente nos estamos a afastar de perspetivas multiculturais e pós-coloniais para abraçar ideias de cidadania democrática à escala global. Tal implica uma deslocação da ênfase em diferenças culturais para uma ênfase na integração de pessoas na sua diversidade. Na prática, o que esta mudança ideológica tem significado em termos políticos, é uma inversão na concessão de mais direitos a grupos étnicos dentro das sociedades europeias (como por exemplo o direito a uma educação bilingue) e a sua substituição por medidas de maior assimilação cultural, dentro do respeito pela pluri-culturalidade.

Em certa medida, a transição do multicultural para o intercultural representa uma deslocação de ênfases de natureza semelhante.

No seu sentido mais abrangente, essencialmente anglófono, a literatura multicultural tem sido caracterizada como aquela que representa a diversidade cultural e étnica de uma dada sociedade, a partir de uma revisão do cânone literário. A defesa de uma literatura multicultural tem sobretudo representado um gesto político que reclama a inclusão de autores, temas e tópicos marginalizados que representam os interesses e perspetivas de minorias ou de grupos desfavorecidos; tem também sido caracterizada por uma seleção e inclusão de textos politicamente corretos no sentido em que repõem a verdade sobre diversos grupos de uma sociedade com menor acesso à representação dos seus pontos de vista, à criação, produção e distribuição de textos e consequentemente com menor consumo e representatividade na sociedade.

Em síntese, a literatura multicultural é uma literatura social e politicamente comprometida com uma postura crítica face ao que é produzido, publicado e consumido, em nome da equidade social, política e cultural numa sociedade em que existe uma desigual distribuição do poder e em que existem grupos dominantes e grupos social e historicamente oprimidos, desfavorecidos ou dominados.

De um ponto de vista pedagógico, Cai (2002: xv) chama a atenção para modos de valorizar textos que representem positivamente outras culturas e protagonistas que possam servir de modelo a grupos étnicos ou sociais minorizados. Dependendo das ênfases de pedagogos, um texto será multicultural se representar, no seio de uma cultura dominante (por exemplo, a portuguesa) um grupo particular, como o das crianças angolanas, de forma rigorosa e com pormenor e veracidade, sem se socorrer de estereótipos. Isto é particularmente verdadeiro para aqueles grupos étnicos e sociais ou formas de representação de relações de poder desiguais, que parecem não existir na literatura infantil em português. Contudo, um texto pode ser considerado

multicultural menos em função do que representa, e mais em função do seu autor. Um autor como o moçambicano Mia Couto, que escreve em português sobre realidades de África pode ser considerado um autor multicultural no quadro da literatura infantil portuguesa.

Em contrapartida, não se fala em textos interculturais, mas em perspectivas de abordagem intercultural de certos textos. Contudo, quando surgem coletâneas de textos interculturais, elas tendem a selecionar representações que comparam duas ou mais culturas, sobre rituais do mundo, etc.; textos em tradução, textos autobiográficos de grandes personalidades mundiais do mundo da política, do desporto, da arte, textos sobre confrontos étnicos e raciais; textos sobre experiências de i/emigração, em que se contrastam duas culturas.

Na atitude e nos valores face à diversidade cultural poderão existir diferenças significativas entre textos multiculturais e textos interculturais. Tecnicamente todo o texto em tradução será um texto intercultural porque obriga o leitor a negociar perspectivas culturais diferentes da sua. A negociação da diferença e da diversidade é o conceito-chave. Qualquer pessoa sabe quão difícil é perceber todas as referências implícitas de um texto de outra cultura, porque precisa de se transportar para essa cultura e isso requer esforço, descentramento cultural e síntese.

Se quiséssemos delimitar textos multiculturais de textos interculturais num catálogo, acabaríamos por empurrar para a categoria de texto intercultural qualquer texto publicado por um emigrante em Portugal sobre o seu próprio país, ou um texto publicado por um autor português sobre um outro espaço/realidade geográfica. Contudo, teríamos de nos centrarmos na negociação entre culturas. O que a noção do 'intercultural' acrescenta ao 'multicultural' é a noção de influências recíprocas de grupos diversos em contextos de interação social e cultural positiva. Onde o 'multicultural' aparece estático, preso à noção de culturas em paralelo, o 'intercultural' recria e reconstrói valores e muda atitudes para construir uma sociedade mais integrada e inclusiva, gerando porventura um 'terceiro espaço' cultural (fig.1).

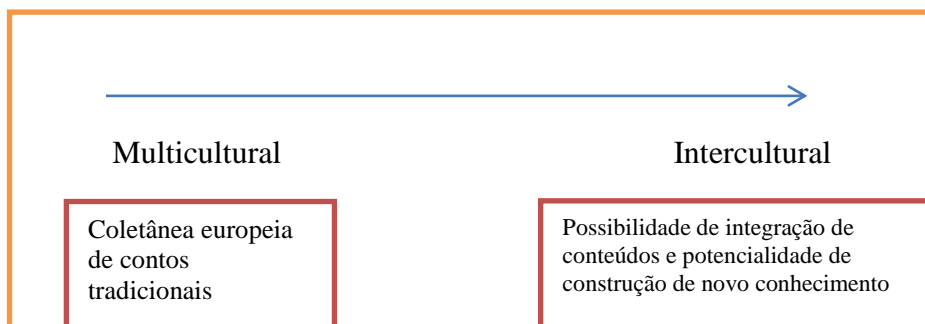


Fig. 1. Do multicultural ao intercultural

Deste modo, a coletânea EUMOF apresenta-se como uma coleção multicultural de contos tradicionais que, no espaço europeu, coloca lado a lado contos tradicionais de culturas diferentes. Simultaneamente, alguns dos contos da coletânea apresentam potencialidades de exploração intercultural, como sejam: a possibilidade de integração de conteúdos diversos; e a potencialidade de construção de novo conhecimento, levando os alunos a investigar pressupostos e valores culturais implícitos e explícitos.

Vejamos, como, no quadro deste espetro se poderiam classificar os contos EUMOF em termos de textos do mundo, textos transculturais e textos paralelos.

3.3 Textos do mundo, transculturais e paralelos

Voltemos a Mingshui Cai (2002: 25-8) e às várias categorizações que ele propõe para a literatura infantil multicultural – um termo que necessariamente engloba o espetro do multicultural e do intercultural que acima referimos (Morgado e Pires 2011, pp. 98ss). Adaptando as suas categorias, teremos textos do mundo, ou seja aqueles que visam caracterizar a diversidade do mundo. À exceção dos contos tradicionais portugueses, todos os contos da coletânea são potencialmente "textos do mundo" porque apresentam realidades que são diferentes das dos alunos portugueses. No entanto, há contos e lendas que documentam certos aspectos da realidade sociocultural e geográfica de determinados territórios. São eles, por exemplo, "Sierolotta" um conto cipriota passado em Doros, uma pequena aldeia cerca da cidade de Lemesos em Chipre, sobre uma criatura medonha que assustava os aldeões e que é vencida por um monge. É o caso também do conto polaco intitulado "A Lenda do Pato de Ouro" que conta a história do sapateiro Lutek que vivia junto ao rio Vístula e quem disseram que fosse arranjar ouro fácil ao palácio Ostrogski onde

nadava um pato de ouro; ou a lenda sobre a fundação de Varsóvia, capital da Polónia situada entre os rios Wars e Sawa, vertida no conto “Wars e Sawa”. Ou ainda “A Lenda do Corneteiro de Cracóvia” que narra a história de um velho soldado, Bartolomeu, a defender Cracóvia de um ataque dos Tártaros.

Em segundo lugar, a coletânea terá textos transculturais, que apresentam relações entre culturas, que contrastam modos de estar e de ser, conflitos interétnicos, religiosos, políticos, bélicos. De entre os contos mais sugestivos da representação de encontros, zonas de contacto e de proximidade/afastamento, de negociação entre culturas, destacaria os contos “Meu pobre filho Vasilis”, que procura contrastar modos de vida diferentes, e contos como “Fantasmas Romanos”, “A Lareira”, “O Príncipe de Veneza” ou “A Moura Encantada” em que protagonistas de culturas diferentes procuram comunicar uns com os outros com maior ou menor sucesso.

Em terceiro lugar, teríamos textos paralelos, sobre como se podem propor olhares sobre uma mesma realidade social a partir de posições sociopolíticas e geográficas diferentes. Existem contos na coletânea que podem ser considerados versões de uma mesma narrativa e que, por conseguinte, podem ser contrastados em função das variações culturais e dos valores sociopolíticos representados. Por vezes, será preciso que o agente educativo reconheça que alguns dos contos tradicionais da coletânea possuem versões em português que podem ser usadas. É o caso do conto cipriota “Koutsoukoutou”, uma versão da “História da Carochinha e do João Ratão”, conto não incluído na coletânea EUMOF. Na coletânea, “Mavris” e “Arapis” são variações do mesmo conto. O conto cipriota “Meu pobre filho Vasilis” e o conto grego “João e o Machado” partilham o tópico de temores antecipados e anúncio pelo noivo de que a noiva é estúpida. No conto cipriota, a mulher penteava o cabelo da filha quando reparou numa videira alta que descia sobre o poço e que ela considera mau presságio: se a filha tivesse um filho, ele treparia pela videira e cairia no poço. No caso do conto grego, quando a noiva desce à cave para ir buscar mais vinho ao pipo, repara num machado pendurado por cima dele e logo imaginou que se tivesse um filho, ele se magoaria com o machado. Nos dois contos, os noivos abandonam as noivas para correr mundo e perceber se haverá gente mais estranha (no conto cipriota) ou mais estúpida (no conto grego) que as noivas. O que passa por estupidez em cada história tem o seu interesse cultural: no conto cipriota, Vasilis encontra um povoado incapaz de resolver o imbróglio, sem ser de modo sangrento, em que metera um rapazinho que enfiara as mãos num frasco para agarrar umas nozes, e que não conseguia desenfiar as mãos cheias de nozes; queriam cortar-lhe as mãos. No conto grego, João encontra uma noiva que não cabia na porta da igreja e a quem se propunham serrar a cabeça ou os pés...

Textos do mundo	Textos transculturais	Textos paralelos
Sierolotta	A Lareira	Meu Pobre Filho Vasilis/ João e o Machado
Leiligoustra	Fantasmas Romanos	Koutsoukoutou/ A História da Carochinha e do João Ratão
A Lenda do Pato de Ouro	O Príncipe de Veneza	Mavris/ Arapis, o Negro
Wars e Sawa	A Torre da Babilónia	
A Lenda do Corneteiro de Cracóvia	A Moura Encantada	

Tabela 1. Uma tipologia de textos do mundo, textos transculturais e textos paralelos

Existe também um grande número de possibilidades de comparação contraste dos contos tradicionais da colectânea EUMOF a partir de tópicos diversos: expressões de religiosidade, características do herói/heroína do conto; virtudes celebradas; racismo; os tipos de mobilidade representados, etc..

3.4 Uma tipologia dos contos segundo o seu conceito de mobilidade

Dado o tema da coletânea – a viagem -, as representações de mobilidade são muitas e diversas. A mobilidade pode ter motivações diversas, umas mais positivas; outras mais negativas. Típico dos contos tradicionais é o herói que parte à aventura porque vive na miséria e que tem por objectivo o regresso a casa, casado e rico. A mobilidade é uma aventura, que ao contrário de tantas experiências de mobilidade hodiernas, termina onde começou. Contudo, essa aventura pode ter por motivação a salvação de alguém que se deixa para trás. Será uma busca. A mobilidade tanto

pode ser uma experiência de imigração voluntária ou forçada, como pode ser uma experiência de refúgio que se segue a uma fuga de uma situação insustentável. Pode ser deslocação para outras partes do mundo devido a uma guerra e pode ser modo de vida daqueles que são nômadas ou cuja arte os leva de terra em terra. A mobilidade pode ser também viagem de negócios ou viagem de recreio. Pode reportar-se a locais estranhos ou circunscrever-se a locais conhecidos. A mobilidade pode ser social no sentido de configurar, como em tantos contos, uma mudança de estilo de vida que se procura de forma activa. Na tabela 2 propõe-se um elenco de tipos de mobilidade com referência à sua representação nos contos tradicionais da coletânea.

Tipo de mobilidade	Conto EUMOF
Aventura (caça, recreio)	O Leão, a Cegonha e a Formiga (AU); Wars e Sawa (PL); A Torre da Babilónia (PT)
Aventureiros (busca de fortuna com regresso a casa)	Leiligoustra (GR); Os Três Irmãos (GR);
Busca	A Noiva Rã (AU); Meu Pobre Filho Vasilis (CY); Mavis (CY); João e o Machado (CY); A Torre da Babilónia (PT);
Emigração (período longo fora de casa que pode ou não ter regresso ao local de origem); Imigração – um estrangeiro que chega a um local.	Pilhar (AU); Sierolotta (CY); A Princesa de Nariz Empinado (CY); Arapis, o Negro (CY); O Camponês Pobre e S. Pedro (GR); A Moura Encantada (PT)
Nómada	Os Sapatos de Ouro (AU)
Refugiados (de guerra, de perseguições)	Arapis, o Negro (CY);
Mobilidade social (procura activa de mudança de estatuto social)	Koutsoukoutou (CY); A Lenda do Pato de Ouro (PL); A Torre da Babilónia (PT)
Viagem de negócios (trocas comerciais, casamento)	A Lareira (AU); O Príncipe de Veneza (CY); A Moura Encantada (PT); Pedro e Pedrito (PT)
Viagem ao passado	
Guerra	Fantasmas Romanos (AU); Sierolotta (CY); A Lenda do Corneteiro de Carcóvia (PL);

Tabela 2. Uma tipologia segundo tipos de mobilidade

Contudo, mais importante que os tipos de mobilidade configurados nos contos da coletânea EUMOF, é importante que os educadores saibam explorar com os alunos, a partir dos contos, experiências de deslocação forçada daqueles que deixam de ter de comer nas zonas rurais em que vivem e que são levados até às cidades ou a tentar a sorte noutras paragens. São inúmeros os contos que começam assim: “Era uma vez um pobre homem que tinha três filhos. Ao morrer, a sua única posse era uma foice, um gato e um galo. Deixou a foice ao filho mais velho, o gato ao do meio e o galo ao mais novo. Os rapazes partiram de manhã por caminhos diferentes” (De “Os Três Irmãos”, um conto grego). Ou “Era uma vez um pobre camponês sem sorte que decidiu abandonar a sua terra” (de “O Camponês Pobre e São Pedro”, outro conto grego).

Importante é também saber ligar o que acontece nos contos com experiências que descrevem a chegada de alguém a um território e a uma cultura novas, a sensação de estranheza e de desenraizamento que causam os novos ambientes (nos contos são patos que falam, rãs que fiam, monstros de sete cabeças, peixes que reinam, príncipes que se teletransportam pelos ares, etc.). São alguns os exemplos que podemos encontrar, nos contos compilados, de um sentido de não pertença, em particular nos contos que expõem situações de racismo como em “Arapis”, “Mavis” e “Koutsoukoutou” ou naqueles em que os protagonistas procuram encontrar fora de casa confirmação dos seus juízos, como em “Meu Pobre Filho Vasilis” e “João e o Machado”.

Um conto em particular torna óbvio o sentido de insegurança das populações locais face à chegada de um estrangeiro. Trata-se de um conto austríaco intitulado “Os Sapatos de Ouro”. Um pobre e velho violinista toca o seu violino pela glória de Deus em frente de uma capela e recebe como recompensa um sapato em ouro atirado do altar. Ao tentar vender o sapato em ouro é tomado por ladrão e encarcerado numa prisão. É preciso que se repita o milagre para que os locais acreditem na sua honestidade.

4 CONCLUSÃO

Os contos compilados apresentam finais felizes, de reunião com familiares, de casamento, de regresso a casa, de enriquecimento, de morte heróica. Os conflitos configurados nem sempre são resolvidos da forma que consideraríamos, de um ponto de vista político, mais correta.

Contudo, por haver conflito, os contos são úteis para debater as pressões sociais que se sentem hoje face à escala de migrações de populações do campo para as cidades, do mundo em desenvolvimento para o mundo desenvolvido e de uns países para outros num espaço que, para alguns, é sem fronteiras.

Porque representam viagens e expressões de mobilidade, os contos merecem ser abordados de uma perspetiva sociológica, histórica e de relações interculturais. Nos reagrupamentos dos contos que apresentámos, procurámos evidenciar todas as potencialidades pedagógicas de valorização da diversidade cultural sem que ela seja construída como fortaleza inexpugnável que divide os que pertencem à comunidade dos que estão fora dela.

O que é importante reter, de um ponto de vista intercultural, são os momentos de representação, nesta coletânea de contos, de partilha com estranhos e estrangeiros, visitas a locais longínquas e de outras culturas, mesmo que de culturas consideradas inimigas, casamentos entre culturas ou com elementos de fora da comunidade dos protagonistas. Estas situações são exemplos, como descreve Bauman (2011: 68) que contrariam o fechamento das pessoas em comunidades que funcionam como ilhas e nas quais se perpetuam o medo do exterior, as lealdades inter-comunitárias sobre qualquer outro relacionamento, se reproduzem divisões e se alimentam a separação, o isolamento e a alienação.

AGRADECIMENTOS

A autora agradece aos parceiros do projeto EUMOF os contributos que lhe permitiram redigir este artigo. Este artigo foi apoiado pela Agência EACEA, Education and Training e Lifelong Learning Programme. Projeto nr. 510224-LLP-1-2010-1-CY-COMENIUS-CMP.

REFERÊNCIAS

- Bauman, Z. (2011). *Culture in a Liquid Modern World*. Cambridge: Polity Press.
- Cai, M. (2002). *Multicultural Literature for Children and Young Adults: Reflections on Critical Issues*. Westport and London: Greenwood Press. (Read online at <http://www.questia.com/read/119654737/multicultural-literature-for-children-and-young-adults>)
- Cai, M., Bishop, S. (1997). Multicultural literature for children. Towards a clarification of the concept. In A.H. Dyson and C. Genishi (Eds.). *The need for story: Cultural diversity in the classroom and community*. Urbana, IL: NCTE. 57-71.
- EUMOF (2012). *Teacher's Guide EUMOF*. Nicosia: Univeristy of Nicosia.
- EUMOF (2012). *European Mobility Folktales. A Collection of European Traditional Stories with Travelling Characters*. Nicosia: Univeristy of Nicosia.
- Handlin, O. (Ed.) (1952). *The Uprooted. The Epic Story of Great Migrations that Made the American People*. Boston: Little, Brown and Company.
- Joppke, C., Morwska, E. (Eds.) (2003). *Toward Assimilation and Citizenship. Immigrants in Liberal Nation-States*. New York: Palgrave.
- Rushdie, S. (1999). *The Ground Beneath Her Feet*. New York: Picador.
- Scheffer, P. (2011). *Immigrant Nations*. Cambridge: Polity Press.



